

Relações de prazer/sofrimento e saúde/adoecimento de professores da educação básica em Manaus

Relationships of pleasure/suffering and health/illness of basic education teachers in Manaus

Santos DB¹, Gomes-Souza R²

Santos DB, Gomes-Souza R. Relações de prazer/sofrimento e saúde/adoecimento de professores da educação básica em Manaus. *Relationships of pleasure/suffering and health/illness of basic education teachers in Manaus* Rev HUGV (Manaus). 2023 dez-jan; v22. 13857. DOI:10.60104/revhugv13857

RESUMO

A organização do trabalho do professor de educação básica é caracterizada por desafios que vão além do processo de ensino-aprendizagem dentro de sala de aula. O objetivo desta pesquisa foi analisar a organização do trabalho de uma escola pública estadual de Manaus e como essa organização impacta as relações de prazer/sofrimento e de saúde/adoecimento dos professores. O método foi a partir de abordagem qualitativa, com uso de entrevistas semiestruturadas. Para a análise das falas dos professores foi utilizada a análise de conteúdo. Os resultados foram estruturados a partir de 4 categorias: “Precarização do trabalho docente”; “Prazer e sofrimento no trabalho docente”; “Adoecimento” e, por fim, “Questões sociais”. Os participantes relatam como a realidade escolar impacta a saúde mental deles e quais os fatores que são fonte de prazer para eles. Conclui-se que mais estudos são necessários, principalmente para promoção de ações, programas e políticas públicas em prol de mais qualidade de vida, qualidade do processo de ensino-aprendizagem, redução dos riscos psicossociais e violências na escola e presença e acompanhamento regular e contínuo de equipe interdisciplinar para uma proposta mais transdisciplinar e saudável para lidar com os desafios que impactam negativamente o contexto escolar

Palavras-chave: Professores da educação básica, organização do trabalho, precarização do trabalho docente, saúde e adoecimento

ABSTRACT

The organization of a basic education teacher's work is characterized by challenges that go beyond the teaching-learning process within the classroom. The objective of this research was to analyze the work organization of a municipal public school in Manaus and how this organization impacts the relationships of pleasure/suffering and health/illness of teachers. The method was based on a qualitative approach, using semi-structured interviews. To analyze the teachers' statements, content analysis was used. The results were structured based on 4 categories: “Precariousness of teaching work”; “Pleasure and suffering in teaching work”; “Illness” and, finally, “Social issues”. Participants report how the school reality impacts their mental health and which factors are a source of pleasure for them. It is concluded that more studies are necessary, mainly to promote actions, programs and public policies in favor of a better quality of life, quality of the teaching-learning process, reduction of psychosocial risks and violence at school and presence and regular and continuous monitoring from an interdisciplinary team to a more transdisciplinary and healthy proposal to deal with challenges that negatively impact the school context.

Keywords: Basic education teachers, work organization, precariousness of teaching work, health and illness.

INTRODUÇÃO

Ser professor nas escolas da rede pública de todo o Brasil tem se mostrado um desafio. Os profissionais sentem-se desvalorizados e desencantados pela profissão, pois em quase todos os discursos políticos está presente o ponto da valorização docente. Entretanto, pouco se efetivam as propostas suscitadas¹. Estudos abordam também contextos nos quais os professores se veem obrigados a trabalhar mais de um turno ou em estabelecimentos distintos da sua formação e atuação devido à baixa remuneração^{2,3}. Ainda, autores demonstram a desvalorização a partir do excesso de cobranças que os professores sofrem em relação ao desempenho dos alunos, sem terem as condições de trabalho necessárias para apresentarem um trabalho de qualidade. Abordam como o excesso de trabalho e a falta de tempo constituem a organização do trabalho e as relações de prazer/sofrimento e saúde/adoecimento dos professores. Assumimos a organização do trabalho enquanto um conjunto de normas e regras, formais e informais, construídas cultura, social e historicamente pelos trabalhadores, que estruturam o ritmo, a quantidade, a qualidade, a gestão, e várias outras dinâmicas objetivas e subjetivas do trabalho.

Segundo Facci⁴ (2019), a violência nas escolas também é um grande problema e tema recorrente nas mídias e que integra a realidade e atravessa diferentes dinâmicas do cotidiano e organização do trabalho nas escolas. Há notícias quase diariamente de situações que vão desde acerto de contas entre gangues, depredação do patrimônio público, a agressões e desrespeito dos alunos com seus professores. Em relação às condições de trabalho no modo de produção capitalista contemporâneo, Antunes e Alves⁵ (2004) analisam que a precarização do trabalho vem se agravando e se tornando estrutural, fenômeno que traz várias implicações nas condições de vida dos trabalhadores, em especial ao dos professores de escola pública⁴, impactando na saúde deles.

A utilização da lógica capitalista nas escolas e seus meios de produção, que se preocupam com números e desempenho, não favorecem a qualidade do ensino e do trabalho dos professores, reverberando em adoecimento destes que não conseguem, dentro dessa lógica, desenvolver

¹ Graduanda em Psicologia, Universidade Federal do Amazonas (FAPSI/UFAM), Manaus, AM, Brasil

² Doutor em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (UNB), Docente da Universidade Federal do Amazonas (FAPSI/UFAM), Manaus, AM, Brasil

trabalhos adequados, que traga satisfação para os professores e promovam o desenvolvimento de seus alunos. Portanto, as discussões no cenário capitalista, bem como a falta de suporte para com os professores para enfrentar as dificuldades originadas dessa lógica, são muito importantes.

Segundo Meireles, Rythowem, Cavalcante e Maldaner⁶ (2020) o adoecimento mental é um fenômeno presente no contexto laboral dos trabalhadores, afetando também outras áreas de sua vida. No que diz respeito aos professores de educação básica de escolas públicas no Brasil, se faz indispensável o entendimento de que o adoecimento mental é tão preocupante quanto o adoecimento físico. Vale ressaltar que o adoecimento mental muitas vezes é ignorado e necessita de tratamento adequado para que não se agrave, levando, muitas vezes, à incapacitação do professor³. Desenvolver estratégias para lidar com essa lógica produtiva e quantitativa adicionada a educação é uma tarefa que aumenta a complexidade da atuação dos professores, no qual exige-se mais destes profissionais, sem oferecer formação e acompanhamento (cognitivo, afetivo, psicossocial) para lidar com os desafios diários do contexto escolar.

Assim, os professores se veem reféns de tal cenário e são obrigados a desempenhar múltiplas funções no exercício de trabalho. A maioria das redes de escolas públicas não oferece muitos profissionais de outras áreas para auxiliar na solução de conflitos entre professores e alunos, bem como entre gestão, família, comunidade externa e outras combinações psicossociais que atravessam e constituem a realidade da escola. Os professores, então, articulam ações que estão além das suas atividades e responsabilidades para auxiliar os alunos em múltiplas questões, dentro ou fora do processo de ensino-aprendizagem, outrossim em situações entre os alunos, seus responsáveis, demais colegas, professores, gestores e comunidade externa^{7,8}.

De acordo com Castro⁹ (2020) o professor passa a assumir inúmeros papéis e funções sociais, delegadas pelas instâncias em que o poder público deveria atuar, o que o exige uma postura de equilíbrio e discernimento em diferentes situações, para compreender e não perder o foco da função essencial a que a escola como instituição foi construída, para passar às gerações posteriores o conhecimento historicamente adquirido e acumulado socialmente. Essa tarefa se torna ainda mais desafiadora quando o professor precisa trabalhar com inclusão, uma vez que os professores não são preparados adequadamente, bem como não recebem nenhum tipo de condição diferenciada do poder público, ainda que se tenha normativas que regulamentem estas atividades^{10,11,12}.

Segundo Lima, et al.⁷ (2020) a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional nº 9394/96 estabelece que o atendimento do aluno com deficiência deva ser realizado no ensino regular, sendo esse um princípio básico da educação inclusiva. No entanto, na prática diária os professores vivenciam grandes desafios, tais como falta de recursos, falta de preparo e de especialização para lidar com a educação inclusiva, o que se configura como dificuldades no trabalho. Ainda segundo os estudos supracitados, a educação inclusiva busca atender a todos os alunos, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e a inclusão social. E todo esse processo requer dinâmicas que integrem escola, família e

sociedade.

No que se refere às vivências de sofrimento e prazer vividos por professores da educação inclusiva, há reflexões sobre a necessidade de transformação nas estratégias de trabalho, com base na teoria da psicodinâmica do trabalho, para o desenvolvimento das atividades do professor com maior qualidade e menor comprometimento de sua saúde física e principalmente mental/emocional⁷. A dinâmica de trabalho deve ser pensada de maneira a proporcionar prazer ao trabalhador, na qual tal estratégia pode evitar ou minimizar o adoecimento dos professores. Segundo Cruz e Lemos¹³ (2005) o trabalhador, ao buscar no trabalho a fonte de prazer e realização e encontrar nele uma fonte de sofrimento e desgaste, entra em conflito com a organização. Assim, o adoecimento está diretamente relacionado a impossibilidade de desenvolvimento do prazer e realização, e verifica-se, com isso, a necessidade de construção de estratégias que permitam ao trabalhador desenvolver suas atividades com satisfação e se sintam reconhecidos pelo trabalho desenvolvido⁷.

O trabalho do professor vai além das disciplinas ministradas em sala de aula. São cobradas estratégias didáticas nas disciplinas que garantam um bom aproveitamento dos alunos, o que demanda preparo das aulas previamente. Muitas vezes, devido a necessidade de trabalhar vários turnos e/ou em outras atividades laborais para aumentar suas rendas, os professores não conseguem realizar um trabalho de qualidade no preparo dessas aulas. Outro problema é que o professor requer a atenção dos alunos para poder realizar seu trabalho, e o formato da sala de aula não é muito atrativo aos alunos atualmente. Devido as novas tecnologias, e a utilização exacerbada da linguagem visual, existe uma grande dificuldade de conquistar o interesse dos alunos para a escrita e leitura e esse desafio foi agravado no contexto pandêmico¹⁵.

Souza, Santos e Almeida¹⁶ (2016) afirmam que o estresse do ambiente de trabalho do professor está relacionado ao nível de exigência elevado em condições de trabalho inadequadas, precárias, somado ao salário baixo. Os autores¹⁶ afirmam que abordar a questão da saúde do professor é de suma relevância, pois o professor desempenha função social, sendo o responsável pela formação intelectual, social e crítica do indivíduo e, para tanto, é imprescindível que esteja em condições de cumprir com seu papel enquanto agente transformador.

A saúde do professor também está relacionada a satisfação de ministrar aulas de qualidade e atrativa aos alunos, ter o reconhecimento destes e vê-los ter sucesso devido aos conhecimentos adquiridos. Parte do reconhecimento, saúde e satisfação do professor vem dos sucessos de seus alunos. Esse sucesso é a maior recompensa ao professor, pois atesta que este foi capaz de desempenhar um bom trabalho. Para isso é necessário desenvolver estratégias para melhorar as condições de trabalho e consequentemente a satisfação do professor em dar aulas¹⁷.

Este estudo apresenta as condições de trabalho de professores da rede pública de educação da cidade de Manaus, no Estado do Amazonas, na percepção dos professores. A relevância social desse estudo vem da necessidade de análise dessas condições para compreender onde a atuação do profissional de psicologia, auxiliado pelos conceitos da teoria da psicodinâmica do trabalho, pode

contribuir na melhora das condições de enfrentamento das dificuldades apresentadas pelos profissionais da educação.

Entende-se que a escola é bastante importante na construção social do indivíduo. A escola, inicialmente, funciona como um meio de interação de todos que constituem o espaço escolar, na qual a figura do professor assume um papel central de mediação de várias relações que ocorrem na escola. Ao pensarmos em políticas públicas de valorização dos professores, podemos mencionar o que está previsto na Constituição Federal art. 206, inciso V “valorização dos profissionais do ensino, garantidos na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos”¹⁸. Ainda que com as garantias da lei, Souza, Santos e Almeida¹⁶ (2016), alegam que uma das principais causas do sofrimento para os professores, não é somente a desvalorização salarial, mas a desvalorização por parte das famílias, alunos e da própria sociedade.

Frente aos desafios do contexto político-econômico capitalista, a violência e como está configurada a organização das escolas públicas do ensino básico, no geral, em âmbito nacional, o objetivo do estudo é analisar a organização do trabalho da escola investigada e como essa organização impacta as relações de prazer/sofrimento e de saúde/adoecimento dos professores pesquisados.

MÉTODOS

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa, cujo objetivo é aprofundar nas experiências dos participantes, na qual há um espaço em que os sujeitos possam dialogar com os pesquisadores, inspirada por orientações da Psicodinâmica do Trabalho^{20,21}. Foram realizadas seis entrevistas semiestruturadas nas quais a construção das perguntas foi contextualizada a partir dos estudos sobre professores de educação básica no Brasil. Para a análise dos dados foi utilizado a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin¹⁹ (2011) na construção de categorias a partir das narrativas, diálogos e interações com os professores. Tal técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas suscetíveis de fazer um sentido capaz de introduzir numa certa ordem na confusão inicial¹⁹.

Metodologicamente, temos que a psicodinâmica do trabalho orienta a estrutura das pesquisas em 3 etapas: a pré-pesquisa, a pesquisa, propriamente dita e a aprovação ou refutação da pesquisa^{20,21}. Na pré-pesquisa, há a investigação sobre o contexto e fenômenos que os pesquisadores se comprometem a investigar. Aqui, pode haver conversas prévias, negociações com atores do campo que é e/ou será estudado, leituras de documentos e textos sobre os temas que constituem a pesquisa almejada, dentre outros aspectos de planejamento para a pesquisa propriamente dita. No estudo em questão, procurou-se a escola e foi explicado o objetivo da pesquisa. Antes de ter acesso aos professores para entrevista, foi concedida autorização da escola para fazer a pesquisa, bem como o acesso a documentos e conhecimento do contexto escolar, a partir de conversas informais presenciais e remotas, bem como o contato telefônico e e-mail de alguns professores em potencial para participar da pesquisa, de forma aleatória, indicados pela diretoria. As conversas e leituras permitiram a construção de perguntas para a entrevista semiestruturada.

Na pesquisa propriamente dita, após a aprovação do Conselho de Ética em Pesquisa (CEP – número CAAE: 26045119.8.0000.5020), foram realizadas as entrevistas. Este foi um momento importante no qual foi possibilitado um espaço de fala/escuta dos sujeitos participantes. Tal espaço não tinha precedentes, segundo os professores pesquisados. Aqui eles puderam ter vez e voz, dialogando com os pesquisadores, além de somente responder as perguntas que foram formuladas. Na aprovação ou refutação da pesquisa, pudemos constatar a não refutação, uma vez que as interações com os participantes foram satisfatórias, para ambos os lados, confirmando os propósitos da pesquisa.

As entrevistas individuais foram realizadas de forma remota, mediadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), durante a pandemia, via telefone (*whatsapp/smartphone/internet*) e/ou computador, por vídeo chamada, usando o *google meet*. O critério de inclusão foi ser professor efetivo da rede pública de educação básica do município de Manaus há, pelo menos, 5 anos, de ambos os sexos, sem distinção de raça, a partir de 18 anos.

As falas foram audiogravadas e transcritas, na íntegra, revisadas e analisadas exaustivas vezes. No processo de interpretação dos textos gerados foi analisada a homogeneidade de algumas falas para a criação das categorias e uma organização que permitisse aos pesquisadores analisar os dados coletados nas entrevistas.

Para a construção das categorias, a partir da AC, seguimos a pré-análise, exploração dos textos gerados a partir dos diálogos e entrevista, tratamento e interpretação destes textos que geraram os resultados. Usamos a técnica de saturação e, nesta pesquisa, o material começou a se repetir, a partir da frequência dos temas, e encerramos as entrevistas com 6 participantes. Assim, já tínhamos uma representatividade de conteúdo robusta, seguindo os princípios da AC de Bardin (2011). Caracterização do ambiente escolar

A escola escolhida para a pesquisa fica na cidade de Manaus, está vinculada à Secretaria de Educação (SEDUC), e integra a Coordenadoria da Educação I. Na escola estudam cerca de 1500 alunos, divididos em dois turnos, matutino e vespertino.

O horário do matutino é utilizado pelos alunos do Ensino Fundamental II e o horário vespertino pelos alunos do Ensino Médio. A escola analisada faz parte do quadro de escolas de inclusão do sistema público de educação e possui três andares: no térreo funciona a secretaria, sala dos professores, cozinha e espaço para servir a merenda aos alunos, quadra poliesportiva, um pequeno espaço de recreação com tênis de mesa, estacionamento para os professores, sala de recursos para atendimento dos alunos da inclusão no contraturno das aulas, sala de mídia, salas do diretor e pedagoga. No primeiro andar, estão alocadas as salas de aula. No segundo andar são mais salas de aula, auditório, sala de apoio para a funcionária que auxilia nos corredores da escola. No terceiro andar ficam somente duas salas de aula e a biblioteca.

No período matutino estão matriculados alunos com deficiências (Pessoas com Deficiência – PcD) que apresentam quadros variados de deficiências: pessoas diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDHA), esquizofrenia, atraso cognitivo/mental, deficiências físicas, entre outras. No

vespertino soma-se a estes os alunos surdos. No período noturno o espaço da escola é utilizado para aulas do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), porém, conta-se com outra denominação e quadro de trabalhadores e gestão escolar. Todos os professores que participaram da pesquisa atuam no turno da manhã e, alguns deles, também trabalham no período vespertino.

A escola estudada já foi mapeada, pesquisa e avaliada pela SEDUC com episódios de violência de múltiplos focos, direções e motivações (entre estudantes, estudantes agredindo professores e demais trabalhadores da educação, relatos de violência doméstica, de gênero, sentimento de insegurança em relação à comunidade externa, entre outros). Ainda, há o registro de queixas sobre desmotivação, desvalorização, desrespeito, falta de reconhecimento e suportes diversos, baixos salários e uma lista significativa de solicitações e efetivações de licenças e afastamentos dos profissionais de educação da escola para cuidarem da saúde física e, principalmente mental, sobretudo em relação ao quadro de professores. Dos seis professores participantes, três são do sexo masculino e três do feminino e, para a garantia do sigilo foram utilizados nomes fictícios de plantas: Hera, Acácia, Eucalipto, Hortelã, Absinto e Sálvia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Houve a prevalência de relatos em relação ao adoecimento e demais desafios que impactam negativamente a saúde e qualidade de vida dos professores, tanto no trabalho presencial, quanto no virtual. Muitos deles destacaram os seguintes aspectos que caracterizam a organização de seus trabalhos, conforme ilustrado no Quadro (1).

A partir desta caracterização, foi possível construir, organizar, elaborar e discutir sobre as categorias: “Precarização do trabalho docente”; “Prazer e sofrimento no trabalho docente”; “Adoecimento” e, por fim, “Questões sociais”. Ressaltamos que essas categorias não estão isoladas. Elas se articulam entre si de forma sistemática, complexa e dinâmica e a caracterização da organização do trabalho dos professores ilustradas no quadro atravessam, de forma sistêmica, com todas as categorias. As categorias possuem contornos próprios, mas, muitas vezes, se confundem, se entrelaçam e se sobrepõem.

A partir desta caracterização, foi possível construir, organizar, elaborar e discutir sobre as categorias: “Precarização do trabalho docente”; “Prazer e sofrimento no trabalho docente”; “Adoecimento” e, por fim, “Questões sociais”. Ressaltamos que essas categorias não estão isoladas. Elas se articulam entre si de forma sistemática, complexa e dinâmica e a caracterização da organização do trabalho dos professores ilustradas no quadro atravessam, de forma sistêmica, com todas as categorias. As categorias possuem contornos próprios, mas, muitas vezes, se confundem, se entrelaçam e se sobrepõem.

Precarização do trabalho docente

A precarização do trabalho docente não é algo novo, mas sim recorrente a um tempo na história da educação e que afeta o desempenho dos professores, bem como a qualidade do ensino oferecido aos alunos da rede pública de educação

Segundo Sampaio e Marin²² (2004):

Consideramos que problemas ligados à precarização do trabalho escolar não são recentes no país, mas constantes e crescentes, e cercam as condições de formação e de trabalho dos professores, as condições materiais de sustentação do atendimento escolar e da organização do ensino, a definição de rumos e de abrangência do ensino secundário e outras dimensões da escolarização, processo esse sempre precário, na dependência das prioridades em torno das políticas públicas. Notadamente a partir dos anos 70 do século XX, acentua-se no país o agravamento das condições econômicas e a deterioração do sistema público de ensino, a par de sua expressiva expansão, repercutindo com efeitos desastrosos no funcionamento das escolas, especialmente nos grandes centros urbanos.

Quadro 1. A organização do trabalho na perspectiva dos professores investigados.

- Sobrecarga;
- Ausência de material e recursos didáticos para diversificar e melhorar as aulas;
- Comportamento desrespeitoso em sala de aula por parte dos alunos;
- Baixos salários;
- Violência na escola;
- Lógica capitalista, preocupação com números e produtivismo;
- Baixa qualidade de ensino;
- Múltiplas funções, tarefas, responsabilidades;
- Trabalho com inclusão sem preparo adequado;
- Sucesso dos alunos como fator de prazer;
- Comprometimento da saúde do docente como fator que interfere na qualidade do trabalho.
- Falta de treinamento pra novas tecnologias e formação continuada;
- Falta de tempo para o preparo das aulas, interação entre os colegas de trabalho e excesso de informações;
- Falta de profissionais de outras especialidades para dar suporte a escola e aos professores sobre questões que envolvem a comunidade escolar e evitando a sobrecarga dos professores devido ao acúmulo de funções;
- Falta de reconhecimento do trabalho dos professores por parte dos alunos e responsáveis;
- Falta de assistência psicológica na escola, sobretudo, para os professores.

Os autores (2023).

Essa expansão tinha como finalidade permitir que grande parte da população tivesse acesso à escola. De acordo com Oliveira²³ (2004), as reformas educacionais foram implantadas com o argumento da educação como o meio mais seguro para a mobilidade social individual ou de grupos e serem orientadas pela necessidade de políticas redistributivas e como mecanismo de redução das desigualdades sociais.

No entanto, a autora ressalta uma mudança no direcionamento da educação que nos anos 1970 trabalhavam com a lógica fordista e às ambições do ideário nacional-desenvolvimentista, para uma nova realidade voltada ao imperativo da globalização nos anos 1990. Essas reformas educacionais tiveram como principal eixo a equidade social, na tentativa de reparar a dívida social acumulada em décadas passadas.

Todo esse processo parece interessante, porém, contribuiu para o aumento da precarização do trabalho docente, uma vez que essas políticas de inclusão não vieram acompanhadas de melhoria das condições de trabalho e nem da ampliação da rede pública de maneira adequada a comportar toda essa demanda gerada pelas reformas.

Oliveira²³ (2004) nos alerta para a condição do professor na escola pública:

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante.

Podemos considerar que ao longo das décadas o trabalho do professor sofreu precarização em aspectos concernentes a relação de emprego através da ampliação das exigências sem treinamento e contrapartida adequada do Estado. Além do arroxó salarial, boa parte dos professores atuantes na rede pública de ensino trabalham em regime de contratação temporária o que agrava o quadro de precariedade e instabilidade na rede pública de educação, indo ao encontro das categorias levantadas na presente pesquisa.

O momento pandêmico reforçou uma das reclamações que já aconteciam no trabalho presencial: a sobrecarga de trabalho. Como levantado por Mariano e Muniz²⁴ (2006) e confirmado pelos relatos das entrevistas, devido aos baixos salários, na maioria das vezes, os professores precisam realizar jornada tripla, ou seja, trabalhar em três horários.

Na entrevista com o professor Absinto, essa situação foi relatada:

Pois é. Como eu falei, às vezes o professor, quando ele é só professor e não tem outra profissão e tal, ele fica aí... trabalhando aí 60 horas, como eu estava. Mas eu sei que a gente não dá conta. A gente consegue atender ali aos alunos, mas não de forma satisfatória. (Absinto).

Bem como a de professores, que apesar de não trabalharem vários turnos, tem outras atividades para completar sua remuneração:

Então, acaba... acaba impactando, no meu ponto de vista, diretamente na aprendizagem do aluno. Por que o professor, quando ele faz bico né?, as vezes por necessidade ou por que ele quer ganhar mais, né? Então, eu acho que a remuneração... a remuneração de professor ela é fundamental, para melhorar o ensino. (Absinto).

Segundo Souza, Santos e Almeida¹⁶ (2016) a sobrecarga de trabalho, causada pelo acúmulo de funções, baixos salários que obrigam o professor a assumir três turnos de trabalho, situação que os impede de ter tempo para família, lazer, descanso e excesso de cobranças para realizar seu trabalho de forma que seja possível a aprovação da maior parte dos alunos, causa um nível de estresse elevado. Essa situação provoca o adoecimento e desmotivação. No caso específico das mulheres, essa sobrecarga é maior, pois estendem a jornada com os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos^{25,26}.

Na entrevista da professora Hera, temos o exemplo do excesso de cobrança e da necessidade de aprovação dos alunos. É notório em sua fala o desgaste da professora que, ao procurar a escola para pedir ajuda em relação a situação dos alunos, que não realizam as atividades propostas ou participam das aulas, a solicitação não é correspondida e, ao final do bimestre, a professora é cobrada para que de alguma maneira aprove seus alunos.

Na regular é aquela velha situação, que não muda muitas vezes do EJA, o que mais me incomoda, o que mais me deixa nervosa, as vezes desestimulada, com a regular, é que tu, a gente faz o mesmo trabalho, faz prova, faz avaliação, aí tu vai marcando né?, menino atividade, menino atividade, menino caderno, menino trabalho, e esse menino nada. Aí quando chega no final do mês, aí chega a direção e a escola, você tem que passar o menino, aí você tem que fazer alguma coisa pra esse menino passar, que era nossa grande complicação ali. (Hera).

A situação exemplificada é recorrente do sistema de educação, pois dentro da lógica capitalista e da preocupação com números, a necessidade de altos índices de aprovação é mais valorizada do que a qualidade do ensino e aprendizagem dos alunos.

Esse evento pode ser considerado como gerador de adoecimento, pois atrapalha na satisfação do professor em realizar um trabalho de qualidade, pois sabe que independente do desempenho de seus alunos, ou da realização das atividades por parte destes se faz necessária a aprovação da maioria dos estudantes.

Em mais um trecho da entrevista com a professora Hera, temos a demonstração do desgaste, na tentativa de sair dessa lógica dos números e tentar alcançar os alunos, porém, devido ao número reduzido de pessoas no apoio pedagógico, as reclamações da professora em relação ao desempenho de seus alunos acabaram não sendo atendidas, o que reforça o desânimo no desempenho de sua função:

Aí você diz, mas cadê as fichas que eu entreguei pra parte pedagógica e direção pra chamar esses pais? Cadê a relação de alunos que nós passamos que não tava fazendo nada? Então assim, ou a escola como o B. que é muito grande, que tem muitos alunos pra uma pessoa só cuidar, eu sei que é impossível, ou a escola coloca mais um apoio pra trabalhar junto com a pedagoga, ou a escola coloca um pedagogo pra trabalhar exclusivamente com o professor, nessa questão das atividades não realizadas pelos alunos. (Hera).

Segundo Ricci²⁷ (1999) esse estudo sequencial e disciplinado, voltado ao mercado, elimina a criatividade e a capacidade de aprendizado dos alunos. O ensino padronizado, não leva em consideração o tempo de desenvolvimento e cognição de cada aluno, bem como a elaboração e apropriação dos conteúdos no processo de aprendizado.

Essa padronização passa a ser um fator estressante pois impossibilita um bom aprendizado e atrapalha na satisfação do professor ao perceber pouca evolução de parte dos alunos que não são capazes de responder satisfatoriamente ao esperado.

Outra queixa que aparece na fala dos professores é sobre a falta de materiais para que possam diversificar suas aulas e ter mais alcance dos alunos na aprendizagem. Esse fator aparece explicitamente na fala da professora Acácia:

Não, para a professora de artes não, não tem cola. Eu fiz aquela vez... Aquele evento, eu tirei muito do meu ... do meu bolso, pra fazer um evento arrumado, sabe? Papel, 40 kg ali no Brasileiro eles compraram é... quando não tinha eu tive que trazer né?... Há... O... A dupla face, “a professora vamos fazer assim”, eles davam uma ideia, mas aí eu trazia... quando não tinha eu tinha que entrar com o recurso, eu tinha que entrar com o material. (Acácia).

Gonçalves e Guimarães²⁸ (2020) argumentam que a falta de recursos didáticos obstaculiza os professores na escolha dos modos operatórios segundo a necessidades dos alunos em tempo real. Isto é, a falta de materiais impede o professor de tornar suas aulas mais interessantes aos alunos, o que possibilitaria um melhor aprendizado para estes, menos desgaste aos professores, por não terem que parar suas aulas para chamar a atenção dos alunos, pois estes, na maioria das vezes, não se interessam mais pelas aulas nas quais são usadas as metodologias tradicionais.

As crianças, atualmente, são criadas em um mundo tecnológico, dominado pelas imagens e outros atrativos, e pela possibilidade de acesso à informação com maior facilidade, criando a ideia de que todas as informações estão ao seu alcance. Nesse mundo tecnológico, um grande aliado dos professores seria a inserção dessas tecnologias em sala de aula, mas vemos a dificuldade uma vez que as escolas não possuem nem mesmo o básico para ser utilizado pelos alunos.

Outros fatores que impedem a melhora na qualidade das aulas são a inexistência de formação continuada para a “reciclagem” de conteúdo e o uso de tecnologias. Mesmo quando a escola apresenta espaço adequado ou equipamentos, muitos professores não têm condições de aproveitá-los devido à falta de formação.

Esse problema aparece na fala dos professores entrevistados, e ficou mais evidente no período de trabalho durante a pandemia^{14,15}. Os professores têm enfrentado grande dificuldade para se adequar ao uso das tecnologias necessárias para dar conta de monitorar os alunos remotamente. Sálvia e Hortelã demonstram a queixa sobre a falta de formação continuada e as dificuldades dos professores com as novas tecnologias:

Diariamente eu recebo ligação dos meus colegas para ajudá-los com.... com as plataformas, é... *forms*, *meet* é.... até uma simples planilha do Excel eu recebo ligação... (Sálvia).

...Acredito também que a questão da qualificação do profissional, fazer uma qualificação continuada, fazer cursos... (Hortelã).

Essas formações continuadas também seriam importantes para preparar os professores tanto antes e durante a pandemia, quanto para o trabalho de inclusão, pois essa foi outra queixa e fator de estresse apontado pelos professores, uma vez que a escola investigada é uma das escolas da rede destinada à inclusão. Essa situação é destacada na fala do professor Eucalipto:

Nós enfrentamos, principalmente como trabalhamos com alunos especiais, a maioria dos professores não estão preparados para isso. Embora que nossa escola, o B. é uma escola de inclusão, e é nesse ponto que nós precisamos ter um apoio maior para nós termos ferramentas para dar o melhor pros alunos nessa fase de inclusão também, pra esses alunos que sofrem muito. (Eucalipto).

Percebe-se pela fala do professor Eucalipto a falta de preparo para atuar nesse tipo de educação, de maneira a alcançar os objetivos propostos para uma escola de inclusão funcionar de maneira satisfatória. Além da falta de preparo, outra dificuldade em lidar com os alunos especiais (PcD) é a superlotação das salas, que impede os professores ter uma atenção diferenciada para com esses alunos, e a impossibilidade de realizar um trabalho de qualidade, o que acaba trazendo sofrimento ao professor.

Apesar da existência de uma sala de recursos, a escola é assistida apenas por dois profissionais da área que atuam no contraturno dos alunos assistidos, o que não é satisfatório. Não há psicólogos, ou quaisquer outros profissionais nem para assistência dos alunos, nem para auxílio aos professores em relação a como trabalhar as necessidades desses alunos. Estes são introduzidos no ambiente escolar sem nenhum recurso por parte da Secretária de Educação, que não cumpre nem a previsão legal de manutenção de um número reduzido de alunos nas salas onde estão os alunos da inclusão. A fala do professor Absinto demonstra a falta de atenção da Secretária para com esses alunos.

Né?. Então... então nós temos alunos com... com... com deficiências, que acabam não tendo as suas demandas, nós temos que ter atendimento psicossocial, alunos precisam de psicólogo, nós não temos na escola... (Absinto).

Mantoan²⁹ (2015) aponta para a existência de uma enorme distância entre a intenção e a realidade das práticas educativas com os deficientes e afirma que uma educação inclusiva implica em novos paradigmas pedagógicos capazes de favorecerem a construção de uma educação plural, transgressora e democrática, desconstruindo o sistema escolar excludente, normativo e elitista. Na escola inclusiva o aluno é visto como sujeito integral e capaz, não tendo sua identidade determinada por modelos ideais, permanentes e essenciais.

Prazer e sofrimento no trabalho docente

Diante das inúmeras dificuldades apresentadas no trabalho docente, percebe-se a discrepância nos fatores relativos à relação de saúde e adoecimento no trabalho docente da escola investigada. Há uma coexistência de prazer e sofrimento no trabalho, sendo que o sofrimento é mais atuante. O sofrimento surge pelo envolvimento emocional com os estudantes, a desvalorização social, a exigência por dominar vários temas, relações insatisfatórias, turmas superlotadas, extensa jornada de trabalho e forte sentimento de culpa por não conseguirem dar conta das atividades familiares em função das inúmeras demandas do trabalho^{1,20,21}.

Dejours²⁰ (2011) compreende o sofrimento como o afeto que possibilita ao sujeito trabalhador mobilizar-se e transformar a organização do trabalho. Quando a transformação é possível, tem-se vivência de prazer. O prazer consiste na construção intersubjetiva que inclui o psíquico e o social no processo de ação do sujeito ao trabalhar e expressar a sua subjetividade nas relações de trabalho e na construção do coletivo de trabalho. Na Psicodinâmica do Trabalho, o trabalho pode ser lugar tanto de saúde quanto de patologia, tanto de sofrimento quanto do prazer, sendo apresentado sempre com o duplo papel: o trabalho pode ser estruturante como também pode adoecer, pode promover dignidade como também pode deteriorar e ser alienante. Essa relação entre sofrimento e prazer aparece na pesquisa em dois tópicos, são eles: a falta de reconhecimento pelos alunos e responsáveis e o sucesso dos alunos como fator de prazer.

Temos como exemplo a fala da professora Sálvia que, ao ser questionada sobre o reconhecimento do seu trabalho pelos alunos, pais e Secretaria de Educação, deu a seguinte resposta:

Não... parece que tanto faz, não. Eu acho que alguns sim, uma minoria e outros que... é realmente a minha obrigação. Qualquer esforço que eu faça a mais não vai ajudar, tanto faz. Eu não vejo como reconhecimento da comunidade de pais... eu não vejo. (Sálvia).

Quando questionada especificamente sobre os alunos, deu a seguinte resposta:

Vejo uma porcentagem de uns 30% assim, que entra nas atividades que eu marco pelo link, que tem consideração em fazer no prazo... respeitam prazo, assim, que agradece. Não que não seja uma delegação minha, mas olha... eu dou mais atenção. Eu acho que o reconhecimento é menos de 70%. (Sálvia).

Quando o professor ingressa na universidade, na maioria dos casos, acredita que poderá auxiliar a sociedade através da educação. Durante o curso, aprende várias técnicas de ensino, o conteúdo de sua disciplina e ao ingressar na escola pública, se depara com uma realidade bem diferente da vivida em sua formação. No trabalho real, o sujeito se mobiliza para a ação, vivencia as dimensões não só mecânicas do trabalho, mas também culturais e sociais, buscando colocar em prática o que pensa sobre o seu fazer para tornar o seu trabalho vivo.

O grande desafio é ter competências para compreender as contradições entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Portanto, compreender o sofrimento como o afeto que mobiliza os investimentos do indivíduo é um passo importante para transformar a organização do trabalho e se transformar. Não é o trabalho, de forma linear, que causa sofrimento, mas o próprio sofrimento que “causa” o trabalho. Quando esta transformação é possível, o prazer é vivenciado. Como fator de prazer, os professores entrevistados relataram o sucesso de seus alunos, como fonte de prazer:

É... agradecendo e dando os parabéns a todos os meus antigos alunos... porque nessa semana, inclusive a filha da A., que foi minha aluna, ela colou... foi lá pegar a carteira da OAB dela. Isso pra gente, como professora, é muito gratificante, “cê” é doida?! Eu fiz parte dessa conquista, eu contribuí para isso. É o crescimento profissional dos nossos alunos. (Hera).

Minha maior satisfação é o reconhecimento dos alunos, ver o aluno aprender, ver o aluno gostar de adquirir conhecimento, vê-los crescer... passarem de ano, vestibulares, Enem, encontrá-los cursando ensino superior e saber que de alguma forma pude contribuir para isso! (Hortelã).

O que me traz satisfação é quando vejo os resultados do meu trabalho! Quando trabalho com meus treinamentos e vejo as mudanças que ocorrem nas vidas dos alunos! Vendo as capacidades de muitos acreditarem no seu potencial quando coloco desafios para esses enfrentarem. Muitas vezes, o esporte, ele transforma as pessoas! Autoconfiança e aceitação do que são e o que podem ser! (Eucalipto).

Nas falas acima podemos perceber o quanto o sucesso dos alunos é importante para os professores, e pode ser uma forma destes experimentarem o prazer no trabalho, de eles se sentirem realizados, reconhecidos. E, ao se sentir reconhecido, o trabalhador se sente aceito, admirado e tem liberdade para expressar sua individualidade dentro das situações de trabalho. Nesta perspectiva, podemos entender o trabalho como atividade social, no qual exige um “outro” nesta relação. Sendo assim o trabalho é compartilhar prazer, sofrimento e defesas^{1,20,21}.

Adoecimento

Nesta categoria abordaremos os tópicos comprometimento da saúde do docente como fator que interfere na qualidade do trabalho e falta de assistência psicológica na escola para os professores. Essa categoria está diretamente ligada as outras discutidas no trabalho, pois esse adoecimento, na maioria dos casos, acontece devido a

precarização do trabalho docente, a falta de reconhecimento e a violência na escola, reflexo das questões sociais que envolve toda a comunidade escolar.

O trabalho, quando não proporciona ao trabalhador a garantia de sobrevivência e construção de identidade, pode resultar no aparecimento do sofrimento. Este, se não for enfrentado adequadamente, pode levar ao adoecimento. A profissão docente é considerada pela Organização Internacional do Trabalho (OIT) como uma das mais estressantes, pois ensinar se tornou uma atividade desgastante, com repercussões evidentes na saúde física, mental e no desempenho profissional¹. As falas dos professores destacadas a seguir, demonstram esse desgaste e questões que levam ao adoecimento:

Muito, eu percebi que eu engordei, tô levantando... estou extremamente cansada, tô tentando manter uma rotina de caminhada e corrida, e eu... eu já tinha. Tá escurecendo e eu não consigo mais tempo, pra correr, pra caminhar, pra me cuidar. Eu acabei engordando. Minha vista, eu tive que alterar o grau dos meus óculos, alterou muito, isso tudo foi decorrência desse período muito intenso de... de virtual né? (Sálvia).

Em um momento eu me senti muito ansiosa, mas eu consegui assim... eu acho que consegui reverter um pouco, mas às vezes essa ansiedade, ela me toma pela... é... é fácil de poder imaginar que eu não vou dar conta. (Sálvia).

Sim, diretamente, diretamente. Principalmente na questão do emocional, do psicológico, né?. Infelizmente o trabalho, ele é muito exaustivo, sempre buscando aquelas qualificações. E lá no início eu já falei, a gente não tem tempo e apoio por parte dos nossos superiores. (Hortelã).

Tem que ter um preparo maior. Então, já tive... já tive caso de 1 ano fazer tratamento psicológico e até psiquiátrico porque estava muito, muito ruim, chegava em casa. Não gostava nem da aula, para você ter uma ideia. (Absinto).

Nas falas seguintes os professores expressam sua demanda relativa à necessidade de auxílio psicológico na escola:

Eu acredito que deveria ter assistência ao professor mais direta, né? Uma assistência psicológica ao professor, mais direta, não somente... vamos dizer assim, da... você procurar na Hapvida, alguma coisa nesse sentido, mas que esteja na escola. Porque já aconteceu isso, num momento do meu trabalho, foi uma equipe de psicólogas de onde eu morava, que eles atendiam na escola né? Faziam dinâmicas com os professores, né? Então atendiam os professores uma vez na semana. Então eu acredito que deveria ter uma assistência melhor ao professor. É isso. (Absinto).

Falando de...de saúde mental né?, acho que devia ter um apoio muito maior, que eu não vejo esse apoio na Secretaria. Eu já vi colegas extremamente surtados, não sei se alguém me vê como surtada. Não palestras, mas uma central de atendimento psicológico. (Sálvia).

As falas dos professores deixam claro a necessidade de melhores condições de trabalho e auxílio psicológico nas escolas. Atualmente a Secretária de

Educação conta com apenas uma psicóloga escolar para auxiliar todas as escolas da Coordenadoria Distrital 1, que abrange todas as escolas da região central da cidade de Manaus. Devido essa deficiência no quadro de funcionários da Secretaria não há como essa prestação de serviço ser realizada de maneira adequada, nem para a escola, nem para os professores.

O esgotamento emocional se expressa por vivência de frustração, insegurança, inutilidade e desqualificação diante das expectativas de desempenho, gerando esgotamento, desgaste e estresse. A falta de reconhecimento se traduz pela vivência de injustiça, indignação e desvalorização pelo não reconhecimento do seu trabalho^{1,7,8}.

No contexto da escola estudada, os docentes apresentam-se elencando inúmeras dificuldades no exercício de uma prática educacional de qualidade e satisfatória, fatores que podem levar ao adoecimento tanto psíquico quanto físico. O uso das estratégias de defesa⁷ para o enfrentamento desta situação pode suprimir temporariamente o sofrimento, porém impedem o trabalhador de lutar contra o sofrimento causado por esse trabalho precário, levando ao adoecimento.

Questões sociais

Outros tópicos criados através das queixas dos professores são a violência no ambiente escolar entre os alunos e o desrespeito para com os professores, como exemplificado nas falas dos professores Acácia e Absinto:

...olha uma vez eu estava numa sala e o aluno, o outro se queixou do oitavo ano, no ano retrasado, o aluno se queixou que o outro enfiou a caneta na bunda do outro. Quer dizer, eu tive que parar a aula. Eu falei, 'não acredito, eu não acredito que eu estou no oitavo ano e isso está acontecendo'! Aí eu tive que parar, chamar a atenção do menino e... nossa, eu fiquei muito chateada com aquilo. (Acácia).

Você querendo ou não, é escola pública, então tem a situação também de violência, então, você acaba perdendo parte, muitas vezes, do tempo que é para ministrar aula, como professor, para atender outras demandas, né? Você vê essas questões, questões de roubo, questão de violência, tem questão de... no ensino fundamental, a gente percebe, dessa violência, alunos que vendem drogas. Então você acaba, assim... tendo que se envolver na vida do aluno, para você compreender aquilo o que acontece, para você... usar estratégias, metodologia para atender. (Absinto).

Souza, Santos e Almeida (2016)¹⁶ argumentam sobre a função social do professor e o quanto o adoecimento os prejudica no cumprimento de seu papel de educador perante os alunos, podemos observar nas situações relatadas acima a importância desse papel.

Facci⁴ (2019), escreve em seu artigo que um dos grandes problemas é que se fala de violência, mas não se busca entender por que a violência presente na sociedade acaba invadindo o espaço escolar. Os atos de violência na escola acabam colocando uma pesada responsabilidade nos ombros dos professores, que muitas vezes precisam enfrentá-la no dia a dia do ambiente escolar. O problema é que essas questões sobre indisciplina e violência, ultrapassam o espaço da escola. Muitas atitudes dos alunos

para com os professores e colegas de turma são reflexo do ambiente que vivenciam em seu dia a dia fora da escola. As questões sociais às quais esses alunos se inserem, influenciam diretamente em seu comportamento no ambiente escolar.

Segundo Souza³⁰ (2015) as relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de incivilidade, de falta de sentimento de comunidade e coletividade, de fragmentação social, de massificação e de individualização, de seleção e exclusão social. Essa fragmentação e exclusão social afeta diretamente os alunos, que sem suporte emocional, dentro e fora das escolas, muitas vezes, acabam praticando atos de violência e indisciplina em diferentes espaços, sobretudo, no ambiente escolar. Ainda segundo o autor, precisamos tentar entender as mensagens e os atos escondidos, ou emparedados, nos atos de violência, e ter a audácia de afirmar, contra o senso comum e a sociologia convencional, o reconhecimento do conflito como parte da dinâmica social da escola e/ou como uma estratégia de comunicação ao dizer, mesmo que de forma velada, explícita e/ou simbólica, que algo não está bem e requer intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 1- Constatou-se a coexistência da dinâmica não linear de prazer-sofrimento no trabalho do professor de educação básica, atravessada por desafios da organização do trabalho, falta de apoio e de reconhecimento, e de situações de violência nas escolas. Demonstramos, a partir das categorias elencadas, que as diferentes fontes de sofrimento se sobressaem ao prazer, e a procedência está na sobrecarga de trabalho, comportamento desrespeitoso dos alunos para com os docentes, bem como falta de reconhecimento da comunidade escolar, falta de preparo adequado para trabalhar com inclusão escolar, falta de treinamento para novas tecnologias e didáticas que possam auxiliar o trabalho docente, suporte da Secretária de Educação tanto para as demandas escolares, quanto para suporte em questões relativas a comunidade escolar e, principalmente, suporte de outros profissionais em relação as demandas psicológicas dos docentes.

A partir das falas dos professores, são poucas as estratégias de enfrentamento adotadas pelos eles diante da organização do trabalho. Muitos relataram episódios de adoecimento e afastamento. A satisfação se limita ao resultado dos seus alunos na sociedade, porém essa satisfação é tardia, visto que não acontece durante a realização do trabalho e nem no ambiente escolar.

Deste modo, sugere-se que haja um amplo envolvimento em torno da valorização dos professores, assim como a elaboração de políticas públicas, projetos e programas que possam ir de encontro das necessidades apresentadas pela comunidade escolar como um todo, bem como apoio institucional para enfrentar as inúmeras demandas de aprendizagem dos estudantes e colaborar para que o professor não esteja sozinho na luta por uma educação

melhor e de qualidade, que o satisfaça e dê a resposta esperada pela sociedade na sua prática docente.

Este estudo corrobora, contribui para evidenciar o quanto a escola é um campo fértil para a área da psicologia escolar e educacional, pensando a escola como um todo, no qual os profissionais da psicologia são mediadores de todo o processo escolar, para além de uma perspectiva clínica (individual). Assim, assume-se uma perspectiva macro, crítica e transdisciplinar para lidar com os desafios psicossociais da realidade escolar, atravessadas e constituídas por violências, falta de apoio e suporte por parte do Estado, impactando negativamente na saúde, de forma geral, de todos da escola, principalmente a saúde mental dos professores.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

REFERÊNCIAS

1. Silva, EF, Vieira, AMDP. Adoecimento docente nas escolas públicas do Estado do Paraná. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, 2021,8(59):181-192. <https://doi.org/10.5335/rep.v28i2.11198>
2. Ramos, LS et al. O ambiente escolar incapaz de assegurar a saúde mental do professor: uma revisão literária. Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2020, 49:e3416-e3416. <https://doi.org/10.25248/reas.e3416.2020>
3. Santos, NC et al. Trabalho docente, saúde mental e promoção da saúde: revisão integrativa. Research, Society and Development, 2022,11(11):e516111134039-e516111134039. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i11.34039>
4. Facci, MGD. O adoecimento do professor frente a violência na escola. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. 2, p. 130-142, maio-ago.2019. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5647>
5. Antunes, R, Alves, G. As Mutações no Mundo do Trabalho na Era da Mundialização do Capital. Educ. Soc., Campinas. 2004.25(87):335-51. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000200003>
6. Meireles, ESS, Rythowem, M, Cavalcante, RP, Maldaner, JJ. Trabalho, sofrimento psíquico e educação profissional: possíveis relações. Revista Humanidades e Inovação. 2020,7(7): 421-31. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2408>
7. Lima, PAM et al. Saúde, Sofrimento, Defesas e Patologias no Trabalho de Professores. Educamazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente. 2020,25(2):401-17. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/educamazonia/article/view/7842>
8. Silva, AM, Melo Gomes, TAM, Motta, VC. Formas e tendências de precarização do trabalho docente e os influxos do empresariamento na educação. Cadernos de Educação. 2020,63:137-55. <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i63.17406>
9. Castro, VM, Trabalho e Saúde: estudo sobre o adoecimento docente. Temas em Educ. e Saúde, Araraquara. 2020,16(1):63-83. <https://doi.org/10.26673/tes.v16i1.13489>

10. Sousa, NM, Fernandes, R, Oliveira, LCC. O transtorno do espectro autista (TEA) e a inclusão escolar: os sentidos dos professores do ensino fundamental. *Nova Revista Amazônica*. 2022,10(3):43-53. <http://dx.doi.org/10.18542/nra.v10i3.13592>
11. Castro, MOR; Telles, SCC. Inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física em escolas públicas regulares do Brasil: uma revisão sistemática de literatura. *Motrivivência*. 2020,32(62):1-20. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e66277>
12. Oliveira, IS et al. Análise da formação do professor para atender alunos com deficiência na rede regular de ensino. *Revista Uniaraguaia*. 2020,15(1):21-7.
13. Cruz, RM, Lemos, JC. Atividade docente, condições de trabalho e processos de saúde. *Motrivivência*. Ano XVII. 2005,24:59-80. <https://doi.org/10.5007/%25x>
14. Mochinski, C. Hábitos de leitura durante a pandemia: uma análise sobre as ações e as dificuldades enfrentadas por uma escola pública estadual e seus professores. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. 2021,7(10):1957-75. <https://doi.org/10.51891/rease.v7i10.2707>
15. Silvestre, BM, Figueiredo Filho, CBG, Silva, DS. Trabalho docente e ensino remoto emergencial: extensão da jornada de trabalho e expropriação do tempo livre. *Revista Brasileira de Educação*. 2023,28:e280054. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280054>
16. Souza, IR, Santos, MER, Almeida, INS. Mal-estar docente: a saúde do professor nos dias atuais. *Revista Humanidades e Inovação, Palmas*. 2016,3(2):84-94. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/180>
17. Silva, JC et al. Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2023,27:e242262. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262>
18. Brasil. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil* [Internet]. Brasília, DF: Senado Federal; 2016 [cited 2023 Novem 19]. 496 p. Available from: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
19. Bardin, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
20. Dejours, C. *Psicopatologia do Trabalho - Psicodinâmica do Trabalho*. Laboreal, Porto. 2011,7(1):13-6.
21. Araújo, AA et al. Metodologia para pesquisa sobre trabalho docente em contextos inovativos de ensino à distância à luz da psicodinâmica do trabalho. *EaD em Foco*. 2020,10(2):e950. <https://doi.org/10.18264/eadf.v10i2.950>
22. Sampaio, MMF, Marin, AJ. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. *Educação e Sociedade, Campinas*. 2004,25(89):1203-25. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400007>
23. Oliveira, AD. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. *Educação e Sociedade, Campinas*. 2004,25(89):1127-44. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302004000400003>
24. Mariano, MSS, Muniz, HP. Trabalho docente e saúde: o caso dos professores da segunda fase do ensino fundamental. *Estudos e pesquisas em psicologia*. 2006,6(1):76-88. <http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/PDF/v6n1a07.pdf>
25. Antloga, CS et al. Trabalho feminino: uma revisão sistemática da literatura em psicodinâmica do trabalho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2020,36:e36nspe2. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe2>
26. Gomes-Souza, R, Vieira, RLS; Souza, AJS. Precarização e subjetividade das trabalhadoras domésticas no contexto da covid-19 em Manaus. *Revista Feminismos*. 2022,10(1):73-93. <https://doi.org/10.9771/rf.v10i1.45245>
27. Ricci, R. O perfil do educador para o século XXI: de boi de coice a boi de cambão. *Educação e Sociedade, Campinas*. 1999,20(66):143-178. <https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000100008>
28. Gonçalves, GBB; Guimarães, JMM. Aulas remotas, escolas vazias. *Revista Retratos da Escola*. 2020,14(30):772-86. <https://doi.org/10.22420/rde.v14i30.1203>
29. Mantoan, MTE. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna. 2003.
30. Souza, RG. Cidadania e incivildades: reflexões e críticas fundamentadas nas representações sociais da violência urbana. *INTERLINK*. 2015,2(2):43-56.

Submetido em: 23.11.2023

Aceito em: 27.12.2023